

Pina Manique e o Iluminismo Filantrópico em Portugal

José Norton

Economista, e colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS XX) da Universidade de Coimbra, Portugal.

Há quem apenas conheça o seu nome pelas referências que todas as manhãs os programas de trânsito da capital fazem ao Estádio Pina Manique. Outros, com umas luzes de História, associam-lhe a imagem negativa e sombria de um grosseiro e cruel chefe de polícia secreta da rainha D. Maria I, imagem criada pelos escritores românticos e liberais do século XIX e inícios do século XX. Como reacção, ainda há os que só nele conseguem ver as virtudes.

Em *El-Rei Junot*, com a sua escrita sintética e acutilante, Raul Brandão fez dele uma caricatura onde refere as duas vertentes. “Manique, misto de conselheiro Acácio e de polícia secreta” - “Mete medo. Teve às suas ordens cárceres, baionetas, esbirros, fez sofrer muita gente” - “Faz respeito. Seu ideal de sociedade é o de um povo servil, rei no alto e na corte, literatos pedinchões fazendo versos nos anos dos fidalgos e em baixo a canalha”. Mas Brandão advertia também, manifestando espanto: “Chega-se a admirá-lo. Não tem uma única falha”.

Admirou-o, ainda que “à contre coeur”, o insuspeito Latino Coelho, implacável em tudo o resto que cheirasse a Antigo Regime. Escreveu, a propósito da sua obra maior, a Casa Pia, as seguintes palavras: “Era simultaneamente penitenciária, escola e manufatura. Tinha por destino redimir as pessoas degradadas pelo vício, ou salvar da perdição as indigentes. Era a caridade oficial

o seu objecto, mas a caridade produtiva, que da esmola do pão ou da doutrina, como de semente fecundíssima, aspirava a tirar centuplicados os frutos sociais, dando ao Estado um vassalo inteligente, honesto serviçal por cada um dos que detinha e amparava já prestes a despenhar-se. Assim como os estudos de D. Dinis, restaurados e engrandecidos pelo Marquês de Pombal, eram a escola das classes privilegiadas burguesas ou fidalgas, a Casa Pia era a universidade plebeia, a nova academia dos proletários. Não era apenas como a casa de correcção fundada no arsenal da marinha pelo ministro de D. José, uma simples oficina penal, antes era um instituto, onde o ensino nas suas diversas formas e a acção da educação mais curavam de afeiçoar bons cidadãos que de sequestrar os criminosos ao contacto da sociedade”.

Contudo é a imagem negativa que mais fortemente ficou arreigada na memória das pessoas: o homem que mandou queimar uma aldeia de pescadores na outra banda, que prendeu o Bocage, que empurrou para fora de Portugal Alcipe, a poetisa, o perseguidor de liberais e maçons. Chega a haver quem lhe atribua a autoria de factos violentos verificados em data posterior àquela em que a sua alma foi presente ao julgamento divino.

O juiz desse tribunal sabe contudo, que houve mais Intendentes, antes e depois do

“famigerado” Manique, e não ignora também que os actos humanos devem ser julgados tendo em conta o contexto histórico em que foram praticados.

Enfim, admirado por uns, detestado por outros, desconhecido de muitos, Pina Manique é apesar disso, um nome incontornável na história do serviço social no nosso país. Andava pelos vinte anos quando D. José começou o seu reinado e Sebastião de Carvalho e Melo dava os primeiros passos no governo que o veio a celebrar. Fez os estudos preparatórios para a universidade com os padres da Congregação do Oratório, instituição que naquela altura e em termos de ensino estava na vanguarda, modernizando e dando um notável impulso ao ensino da Matemática e da Física e renovando os métodos pedagógicos. Cursando depois na universidade de Coimbra enveredou pela carreira da magistratura mas pouco se ouviu falar dele até as vésperas da queda do marquês de Pombal.

Em 1780 a rainha D. Maria foi buscá-lo para desempenhar o cargo de Intendente geral de Polícia. Curiosamente, numa altura em que se arrepiava caminho político em relação à época de Pombal (período que se chamou da Viradeira), foi precisamente um homem formado no espírito do marquês o escolhido para aquele cargo, no qual veio a atingir uma proeminência na administração do reino só equiparável à dos ministros. De facto ele corporizava o modelo idealizado pelo ministro de D. José para a elite de poder que devia protagonizar o “despotismo esclarecido”. Homem moderno embora não um iluminista acabado, Manique não escapava à ilusão do século ao querer modernizar a sociedade usando os novos ensinamentos e descobertas científicas,

mantendo contudo a razão debaixo de uma estreita tutela. Avançado em muitos aspectos, era contudo e naturalmente um conservador em política, um defensor encarniçado do Trono e do Altar.

Com a total confiança da rainha, apoiado também pelo influente arcebispo de Tessalónica e mais discretamente por Martinho de Melo e Castro o mais capaz ministro do reino, Manique foi alargando a sua esfera de actuação que em breve extravasava das questões propriamente da competência dum Intendente, mais ligadas ao policiamento, repressão do crime e abastecimento da capital.

A sua experiência de magistrado aliado à formação oratoriana levou-o a ter uma visão moderna dos problemas sociais que geravam os comportamentos criminosos. A criação da Casa Pia da qual a rainha o encarregou foi a oportunidade de pôr em prática entre nós o chamado “iluminismo filantrópico” que se espalhava pelas outras cortes da Europa.

Oiçamos as suas palavras quando explicava o mandato que recebera de D. Maria: “sendo um dos principais objectos da verdadeira polícia empregar não só as pessoas ociosas mas também as indigentes de qualquer estado, pela felicidade que resulta a estas de subsistirem honestamente pelo estipêndio que tiveram pelo seu trabalho; e ao Estado de serem louvavelmente ocupadas aquelas a quem a ociosidade precipita nos mais negros e horrorosos crimes e conhecendo igualmente aquela senhora que a Industria é a fonte verdadeira de onde nascem todas as riquezas e a que faz as monarquias florescentes: foi servida incumbir-me de promover e estabelecer a Casa Pia do Castelo de São Jorge desta cidade [que aí ficou até às invasões francesas] onde fossem recolhidas as pessoas ociosas”.

A Casa Pia foi recolhimento de crianças abandonadas às quais eram ministrados estudos encaminhando-as depois, em crescendo, para uma vida útil e produtiva; casa de recuperação, pelo trabalho, de criminosos e de reabilitação de prostitutas ou outras desgraçadas que para essa profissão Caminhavam; albergue para aqueles que tinham gasto a sua força e juventude no serviço público e que deviam viver os últimos anos da vida com conforto e dignidade.

Pina Manique quando mais tarde lhe começaram a cercear os meios financeiros para manter a Casa Pia, reafirmaria um aspecto fundamental da acção assistencial que para ele não tinha dúvida: “as casas idênticas que há pela Europa [...] são entretidas à custa da Fazenda do Estado”. Para ele a recuperação dos que se desviavam do bom caminho, a assistência aos indigentes, órfãos e desocupados era dever do Estado e os encargos que daí resultavam por este deviam ser suportados.

O Intendente demonstrou sempre um grande interesse pela Medicina e nessa área tomou ainda iniciativas cujos resultados desejava viessem a contribuir para o bem-estar das populações, integrando-os em esquemas de prestação de assistência. Patrocinou programas experimentais de vacinação contra a varíola, disciplinou a actividade farmacêutica, defendeu a prática sistemática de autópsias e criou um fluxo de bolseiros para estudarem obstetrícia em Copenhaga e cirurgia em Birmingham cidades onde o ensino destas matérias era mais reputado. Sabe-se que a taxa de mortalidade de mães e recém-nascidos era enorme. Quanto ao estado em que se encontrava a cirurgia lembremo-nos da frase de Luís António Vêrnay quando no

seu livro “Verdadeiro Método de Estudar”, ironizava com o facto de, na Universidade, só se fazer anatomia prática duas vezes por ano e em carneiros: “querer saber a anatomia do homem pela do carneiro é uma ideia nova!”.

Já depois de a revolução de França ter espalhado o medo, a estupefacção mas também as ideias pelo mundo fora, o príncipe D. João assume a regência, por loucura de D. Maria. Foi outra figura que a História feita no século XIX, e não só, tratou mal preferindo apresentar dela um retrato grotesco. Merecia melhor sorte. Apercebeu-se que muita coisa tinha de mudar, e acabou por se rodear de homens com vistas que tinham faltado à maioria dos ministros de sua Mãe.

Em consequência, e ainda que Pina Manique continuasse a afirmar a sua determinação de “apagar na origem qualquer faísca de sedição, que soprada pelo espírito do século possa atear a faísca revolucionária, que nestes tempos calamitosos, ou tem assolado, ou comprometido a segurança dos estados”, a sua estrela, na verdade, começara a empalidecer. Quando morreu em 1805 ainda era Intendente mas os seus poderes estavam muito reduzidos. A obra de assistência a que se dedicara perigava então, e fazia-o escrever, amargurado: “Já não sei onde possa recorrer para continuar estes úteis estabelecimentos da Casa Pia, e também socorrer a pobreza, que tem chegado ao maior auge nas presentes circunstâncias, a qual se não deve deixar de socorrer por caridade e razões políticas”.

Bibliografia

- BEIRÃO, Caetano, *D. Maria I*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1944.
BRANDÃO, Raúl, *El-Rei Junot*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1982.

Comentários, Reflexões e Breves

COELHO, José Maria Latino, *História Política e Militar de Portugal*, Lisboa, 1885.

MAXWELL, Kenneth, *O Marquês de Pombal*, Lisboa, Editorial Presença, 2004-

NORTON, José, *Pina Manique. Fundador da Casa Pia*, Lisboa, Bertrand Editora, 2004

TÁVARES, Adérito e José dos Santos Pinto, *Pina Manique , Um Homem entre duas Épocas*, Casa Pia de Lisboa, s/d.